

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE PINTURA MODERNA EM PORTUGAL

LUÍS DAMÁSIO*

O objetivo central da comunicação é explorar e compreender, no âmbito da historiografia da arte portuguesa, os meandros ainda ocultos e inexplicados da *Exposição de pintura (abstracionismo) Amadeo de Souza Cardoso*, realizada de 1 a 12 de novembro de 1916, no Salão de Festas Jardim Passos Manuel, no Porto.

Esta comunicação insere-se, também, na celebração do 1.º centenário de tão marcante e singular evento de 1916.

Em 5 de outubro de 1910, com a proclamação da República, houve algumas consequências culturais, contribuindo para um incremento das novas linguagens e expressões artísticas contemporâneas, que impunham a implantação do movimento modernista no nosso país.

Em 18 de março de 1911, o Salão Bobone, em Lisboa, iria ser abalado com a inauguração da *I Exposição dos Livres*, organizada por vários pintores: Manuel Bentes (1885-1962), Emmerico Nunes (1888-1968), Francisco Smith (1881-1967), Francisco Álvares Cabral (1887-1947), Domingos Rebelo (1891-1975), Alberto Cardoso (1885-1962), Eduardo Vianna (1881-1967), Armando Basto (1889-1923) e o brasileiro Robert Coin, regressados recentemente de Paris, todos eles amigos de Amadeo de Souza Cardoso (1887-1918), durante a sua estada em Paris¹.

* CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. luispcdamasio@gmail.com.

¹ FRANÇA, 1984: 22.

A exposição foi considerada «a primeira manifestação de arte livre, ainda bastante tímida, desse desejo de modernização».

Em Paris, Amadeo teve conhecimento, por intermédio do seu tio Chico Cardoso, Francisco José Ferreira Cardoso (1865-1947), da realização da *Exposição dos Livres* e da importância deste evento artístico em Lisboa. Não só informou, como também aconselhou o sobrinho a participar².

A resposta de Amadeo, discordando, frontalmente, das ideias do seu tio, é manifesta na seguinte carta: «[...] Em Arte estamos em absoluto desacordo. De resto, estou-o também com os amigos compatriotas que marcham numa rotina atrazada. [...] Tudo quanto para [ai] se faz é medíocre aparte raras coisas [...]»³.

A partir desta altura, Amadeo pretendeu afastar-se da vulgaridade, dito pelo próprio, «da mediocridade e dos compatriotas portugueses».

José-Augusto França, reforça a mesma ideia, dizendo que «[...] Amadeo é um crítico irreduzível dos seus companheiros de Paris, ausente de exposições livres ou de humoristas, em Portugal [...]»⁴.

Enquanto em Portugal em 1911 decorreu a *I Exposição dos Livres*, poucas semanas depois, em abril do mesmo ano, em Paris, Amadeo de Souza Cardoso participou (Fig. 1), pela primeira vez, numa exposição de cariz internacional, que ficou reconhecida como a primeira grande Exposição Cubista, no *XXVII Salão dos Independentes*, realizada no Quai d'Orsay.

É ainda em 1911 que Amadeo e o amigo italiano Amedeo Modigliani (1884-1920)⁵ realizaram uma exposição, em conjunto, de esculturas e desenhos⁶, com a colaboração do



Fig. 1. Amadeo — *Os galgos* (c. 1911).
Pintura a óleo. Fonte: CAM-FCG, 77P1

² DAMÁSIO, 2016.

³ PAMPLONA, 1983: 58.

⁴ FRANÇA, 1984: 51.

⁵ Os «Amadeus» conhecem-se por intermédio do poeta Max Jacob em 1908.

⁶ Esculturas de Modigliani e desenhos de Amadeo, que aproveitou para tirar algumas fotografias às esculturas do «Modin» (POÇAS, 1998: I, 56).

escultor romeno Constantin Brâncuși (1876-1957), no *atelier* do pintor português, na rue du Colonel Combes, 3, em Paris.

Estiveram presentes alguns compatriotas portugueses, entre os quais Domingos Rebelo, e artistas de outras nacionalidades em que destacamos André Derain (1880-1954), Paul Alexandre, Max Jacob (1876-1944), Guillaume Apollinaire (1880-1918) e Pablo Picasso (1881-1973), estes últimos amigos de Modigliani e, mais tarde, do próprio pintor de Manhufe. Alguns dos convidados atrás citados assinaram o livro de honra⁷.

Foi a partir de 1911, em Paris, que Amadeo começou a frequentar as «tertúlias» de artistas na casa dos Delaunay (Sonia [1885-1979] e Robert [1885-1941]), o que significou para o pintor português a entrada nos círculos da *avant-garde* europeia, o que, por sua vez, lhe permitiu adicionar novas redes de contacto, com as «célebres» *soirées* na residência do pintor Umberto Brunelleschi (1879-1949), que Amadeo designa «[...] chez Brunelleschi... (mille et 1 nuits) [...]»⁸.

Em Portugal, em 1912 em Lisboa, realizou-se a *I Exposição dos Humoristas* com a conivência do Governo, estando presente o Presidente da República Manuel de Arriaga (1840-1917) «[...] que comprou uma obra de cada artista, oficializando a jocosa aventura [...]»⁹.

Em Paris, por intermédio destes encontros com os vanguardistas, Amadeo relacionou-se com vários artistas, destacando-se o pintor e crítico de arte americana Walter Pach (1883-1959), que colocará o pintor de Manhufe no círculo artístico expositivo dos Estados Unidos da América, em 1913, na *International Exhibition of Modern Art* (em Chicago, Boston e Nova Iorque), espaços onde foi exposto um grande número de obras de arte modernista e vanguardista europeia e americana.

Souza Cardoso, ao participar nesta exposição, mais conhecida como *Armory Show*, ficou consagrado como o primeiro pintor modernista português.

Durante o período de 1911 a 1914 Amadeo entrou em contacto com os grandes centros internacionais europeus e mundiais abrangendo o eixo Paris, Berlim, Munique, Hamburgo, Viena, Londres e outras cidades cosmopolitas com a ligação à América, o que vai coincidir com uma fase de grande evolução artística do pintor — o reconhecimento internacional de Souza Cardoso¹⁰.

Nos finais de julho de 1914, numa visita de rotina a Portugal, Amadeo acompanhado de uma jovem francesa de origem italiana, Lucie Meynardi Pecetto (1890-1988), futura mulher, coincide com o início da Primeira Grande Guerra. O conflito bélico criou em Amadeo um «grande problema», porque, em 1907, foi

⁷ PARISOT, 2005.

⁸ FCG, BA — *Espólio Amadeo de Souza Cardoso*, ASC 36/07.

⁹ FRANÇA, 1984: 34.

¹⁰ DAMÁSIO, 2016.

apurado para o serviço militar, ficando «o mancebo» a partir de agosto de 1914 — início do conflito bélico — impedido de sair do país... por razões de uma eventual mobilização geral do serviço militar, como iria acontecer em 1916.

De maio a junho de 1915, no Salão de Festas Jardim Passos Manuel, no Porto, realizou-se a *I Exposição de Humoristas e Modernistas*, acompanhada de um programa paralelo de conferências e serões musicais, organizada por Nuno Simões (1894-1975), Aarão de Lacerda (1890-1947), João Pinto de Figueiredo, Diogo



Fig. 2. *Pochair* da assinatura de Amadeo (original), utilizado a partir de c. de 1915. Fonte: Família Souza Cardoso

Cândido de Macedo (1889-1959) e João Maria da Silva Lebre e Lima (1889-1959), estes dois últimos amigos de Amadeo.

No ano seguinte, em maio de 1916, no Salão de Festas Jardim Passos Manuel, no Porto, realizou-se a *II Exposição dos Modernistas*, organizada por Lebre e Lima, amigo de Amadeo dos tempos do liceu no Porto e em Amarante¹¹.

Sobre estas exposições denominadas *Humoristas e Modernistas* ocorridas no Porto, José-Augusto França afirma «[...] foram das primeiras manifestações do ainda embrionário artístico em Portugal, marcando a transição entre a velha e a nova caricatura, entre o cunho de decadência ou o pessimismo herdados do século XIX e o desejo de renovação. [...]»¹².

Amadeo continuava determinado em partir para Paris, mas as condições de insegurança social e política que ocorriam em Portugal e o prolongamento do conflito bélico-militar da Primeira Grande Guerra não o permitiram sair do país, porque a partir de março de 1916, deu-se início à mobilização geral do exército em todo o país.

A notícia pôs o jovem amarantino «inquieto», porque a partir dessa data sabia que poderia ser chamado em qualquer momento para cumprir o serviço militar.

¹¹ DAMÁSIO, 2016.

¹² FRANÇA, 1984: 33-35.

Numa carta de março de 1916 para Robert Delaunay, a residir em Vila do Conde, Amadeo escreveu: «[...] eu não devo e não posso fazer a expedição dos meus quadros neste momento, por isso não contem comigo [...]»¹³.

Talvez seja esta uma das razões do pintor de Manhufe, para recusar, a partir desta altura, todos os convites internacionais dirigidos pela «Corporation Nouvelle» e por Walter Pach.

Amadeo sabia que a sua arte não seguia os cânones académicos das Escolas de Belas-Artes do Porto ou da de Lisboa.

Também tinha consciência de que as suas exposições não iriam merecer a justa referência na imprensa, devido às «cautelas» e reservas que os editores e chefes de redação, ciosos de «defender os fiéis leitores», seguidores dos «velhos costumes» em vigor¹⁴.

Os jornalistas não deixaram de colocar entraves vários, que foram sendo vencidos com o auxílio de alguns amigos e do tio Chico Cardoso em especial.

Não nos esqueçamos que os critérios editoriais dos jornais estavam condicionados pela apreciação de membros da Academia de Belas-Artes, quer no Porto quer em Lisboa.

Aquando da segunda exposição de pintura de Amadeo em dezembro de 1916 na Liga Naval Portuguesa em Lisboa, numa carta de Victor Falcão (1886-1966) para Amadeo, estão bem patentes estas dificuldades, visíveis na tentativa de se conseguir publicar um artigo sobre a exposição de Amadeo:

*Amadeo Cardoso — meu amigo! O artigo escrito para O Dia não sae. O Director Moreira de Almeida procurou-me para me explicar [...] o que eu já sabia: que o artigo desagrada os académicos e ao publico dos académicos do jornal Dia. Só com modificações poderia ser publicado. Modificações não faço por systema [...] O artigo não sae, pois lamento. Se tivesse dinheiro, publica-lo-ia em folheto... Mas... Paciência [...]*¹⁵.

Quem conseguiu que a entrevista de Amadeo no jornal «O Dia» se realizasse e fosse publicada foi o tio Chico, porque era amigo de Moreira de Almeida, diretor do jornal¹⁶.

Todos estes «grandes» entraves não o impediram, minimamente, de avançar com os seus planos, socorrendo-se essencialmente da família e do tio Chico em especial para que estes intervissem através de amigos influentes, jornalistas e artistas,

¹³ FERREIRA, 1981 [1972]: 99.

¹⁴ DAMÁSIO, 2016.

¹⁵ FCG, BA — *Espólio Amadeo de Souza Cardoso*, ASC 13/11.

¹⁶ DAMÁSIO, 2016.

nas sedes das redações dos jornais. Amadeo já contava com reações desfavoráveis, devido em parte ao distanciamento cultural entre Portugal e a França.

Mesmo assim, considerou como imperativo realizar as exposições, nem que fosse apenas pelo simples facto de ficar registada a sua pintura na historiografia da Arte Portuguesa, conquistando o reconhecimento por estas terem sido as primeiras exposições «verdadeiramente» modernistas em Portugal¹⁷.

Numa carta para o seu tio Chico, referiu que as exposições de 1916 eram importantes porque representavam uma afirmação e divulgação da sua arte, dizendo: «[...] parece-me importante [...] Será uma coisa feita e de importância futura [...]»¹⁸.

Para a realização da *I Exposição de pintura*, Amadeo optou pelo Salão de Festas Jardim Passos Manuel, provavelmente por ser um lugar que, na altura, era o espaço mais adequado, cultural e artisticamente, da cidade do Porto.

Existiram outros fatores que deveremos ter em conta pela opção deste espaço, muito provavelmente, porque foi aqui, como já referimos, que se realizaram as duas Exposições dos Humoristas e «Modernistas».

Recorde-se que Amadeo, sendo convidado pelo seu amigo Lebre e Lima para expor nessas exposições, «recusou» participar, porque considerava que «estas exposições seguiam uma rotina atrasada e produzindo coisas mediócras». Verifica-se que com todo o «cenário» criado no Salão Jardim Passos Manuel, no Porto, desde a realização das duas «Exposições de Humoristas e Modernistas», já referidas, e com a conferência de António Sardinha, «cheia de ruído», e a forte pressão e influência dos amigos, essencialmente de João Lebre e Lima e de Alberto da Veiga Simões (1888-1954), Amadeo optou por reservar o Salão de Festas como o espaço ideal para a realização da sua primeira exposição individual de pintura em Portugal¹⁹.

Amadeo começou a preparar os quadros que seriam expostos. Devido à falta de tempo, não consegue emoldurar todos. Para resolver o problema, socorreu-se da ajuda dos carpinteiros da Casa de Manhufe, que com a sua orientação e imaginação, executaram algumas molduras «originais», improvisadas com as tábuas que eram usadas para a construção do vasilhame do célebre vinho «Amarantino» da Casa de Manhufe²⁰. Estas molduras aplicadas nos quadros foram enriquecidas com pinturas concebidas pelo próprio pintor (Fig. 3). Até aos nossos dias, apenas chegou um exemplar destas molduras originais, o quadro a óleo *A Canção Popular* (na posse da Família Souza Cardoso) que figurou nas exposições de 1916 com o número de catálogo 57 e com o preço de venda de 100.000 réis.

¹⁷ DAMÁSIO, 2016.

¹⁸ DAMÁSIO, 2016.

¹⁹ DAMÁSIO, 2016.

²⁰ DAMÁSIO, 2016.



Fig. 3. Fotografia da exposição sobre Amadeo de Souza Cardoso, realizada na Galeria Alvarez, Porto, 10 a 31 de maio de 1956, onde se veem alguns quadros com molduras originais em madeira, mandadas executar pelo pintor, em Manhufe. Fonte: CAM-FCG, ASC-10-10

No verão de 2011, durante o processo de investigação²¹, foi encontrado na Casa de Manhufe diverso material do pintor, contendo rascunhos da descrição dos quadros selecionados, com dimensões e títulos, um exemplar do catálogo com os preços propostos para venda, os folhetos e os convites que foram publicados para a 1.ª exposição, a que o pintor deu o título de *Abstracionismo*. Durante o longo trabalho de investigação sobre o pintor, destacamos um óleo de que se ignorava o paradeiro²² e que figurou com o n.º 52 (Fig. 4) dos catálogos das exposições de pintura de Amadeo nos finais de 1916.

Para divulgar as exposições, Souza Cardoso vai utilizar todos os meios e técnicas ao dispor, a que deu o nome de «La propagande artistique»²³.

Durante o mês de outubro, antecipando um mês a data da 1.ª exposição, Amadeo distribuiu o livro *12 Reproductions* com a finalidade de dar a conhecer a sua obra à sociedade portuense, pondo-os à venda ou oferecendo-os a jornalistas, críticos de arte, artistas e amigos.

²¹ DAMÁSIO, 2016.

²² Em 4.10.2016, com organização do Círculo Dr. José de Figueiredo, no Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, Luís Pimenta de Castro Damásio fez a apresentação pública do reencontrado óleo sobre cartão de Amadeo de Souza Cardoso, intitulado «cabeça de homem», c. 1914 (hoje na posse da Família).

²³ DAMÁSIO, 2016.



Fig. 4. Amadeo — Cabeça de homem, c. 1914. Óleo sobre tela.
Quadro reencontrado. Fonte: Coleção particular

Já nos finais da preparação da exposição do Porto, o pintor de Manhufe foi apanhado desprevenido, porque recebeu a notícia de que se tinha de apresentar no Quartel de Infantaria, em Vila Real, onde compareceu, foi examinado por uma Junta de revisão do Distrito de Recrutamento e ficou isento do serviço militar por incapacidade física — «falta de robustez»²⁴.

Em finais de outubro de 1916, em Manhufe, Amadeo despachou todos os quadros encaixotados, por via-férrea, da estação de Vila Meã para a estação de São Bento, Porto, recentemente inaugurada.

Chegados a São Bento, os quadros encaixotados foram transportados, em carros de bois, para a travessa Passos Manuel, onde se situavam os armazéns da «Fábrica

²⁴ DAMÁSIO, 2016.



Fig. 5. Armazéns da «Fábrica Confiança». Travessa Passos Manuel, Porto. Fonte: Família Souza Cardoso

Confiança» (Fig. 5), empresa familiar, ficando aqui depositados, porque esta ficava a escassos metros do local onde decorrerá a exposição.

No dia 1 de novembro de 1916, numa quarta-feira à noite, foi inaugurada a exposição de pintura de Amadeo no Salão de Festas Jardim Passos Manuel, Porto.

Amadeo entregou os convites exclusivamente aos sócios do Salão de Festas, familiares, amigos, jornalistas, críticos de arte, artistas, poetas e intelectuais.

Nos dias seguintes, a exposição esteve aberta ao público, desde as «2 até às 5 horas da tarde» e contou com a afluência de milhares de pessoas, atraídas pela sedução misteriosa de tão rara manifestação de Arte. Compunha-se de 114 obras e o preço proposto para os quadros variava dos 10.000 aos 600.000 réis²⁵. Foi anunciada várias vezes pelos jornais portuenses «Jornal de Notícias», «O Comércio do Porto» e «O Primeiro de Janeiro».

Através da leitura dos artigos dos jornais sobre a exposição, podemos constatar a aceitação que mereceu. Além de criar um clima polémico e barulhento, ficou marcada pela surpresa da novidade, motivando controvérsia. Todavia, sempre com enorme afluência de gente.

²⁵ DAMÁSIO, 2016.

Num dos artigos publicados pelo «Jornal de Notícias»²⁶ o jornalista alertou que a exposição de Arte Moderna tinha uma finalidade cultural para a população portuense, porque ela precisava de se modernizar, considerando a exposição de Amadeo, numa feliz expressão «[...] É esta a moderníssima! [...]».

Outro jornalista alertou, num artigo, para a curiosidade do efeito que as cores dos quadros da exposição provocou: «[...] à noite, mercê da luz eléctrica incidindo sobre as cores vivas [dos quadros], o aspecto é deveras curioso [...]»²⁷.

Um dos artigos mais críticos sobre a exposição de Amadeo foi inserido no jornal «O Primeiro de Janeiro»²⁸, da responsabilidade do chefe de redação, com o título «Quadros de Sousa Cardoso — Uma exposição bizarra», em que diz: «[...] As pinturas que Sousa Cardoso, cheio de influencias das excentricidades do boulevard, trouxe até nós, e que chocam profundamente os olhos, habituados a uma arte equilibrada e normal, encontram-se inteiramente fora da tradição plástica e devem contar-se entre os exemplares aberrantes d'uma corrente que lá fora conta innumerados adeptos [...]»²⁹. Neste artigo faz ainda notar que «[...] Até nós ainda não tinha chegado nenhuma dessas manifestações arte excêntrica do boulevard [...]»³⁰

Poucos dias depois, após o encerramento da exposição, Amadeo escreveu a Walter Pach, referindo que mais de 30 mil pessoas visitaram a exposição, «que causou um grande ruído»³¹.

Na mesma fonte, Amadeo afirmava: «[...] c'est la première exposition de peinture moderne au Portugal [...]», ou seja: é a primeira exposição de pintura moderna em Portugal.

Amadeo, a realizar em novembro de 1916 a sua primeira exposição de pintura promove o Porto como o precursor de pintura moderna em Portugal.

José-Augusto França, numa das suas obras dedicadas ao modernismo português afirma: «[...] Com certeza, porém, Amadeo de Souza-Cardoso foi o maior ou o único pintor 'moderno' dos anos 10 nascido em Portugal [...]»³².

A exposição gerou polémica não só na imprensa, mas também na opinião pública, a ponto de alguns dos quadros aparecerem cuspidos e Amadeo insultado e, em algumas situações, apelidado de «louco».

O irmão António Eugénio de Souza Cardoso (1894-1960) contava um episódio, que chegou às vias de facto, num período em que decorria a exposição, quando Amadeo foi interpelado na rua por um estranho que lhe dirigiu a palavra

²⁶ Datado de 8 nov. 1916, p. 1.

²⁷ «Jornal de Notícias» (4 nov. 1916), p. 1.

²⁸ Datado de 2 nov. 1916, p. 1.

²⁹ «O Primeiro de Janeiro» (2 nov. 1916), p. 1.

³⁰ «O Primeiro de Janeiro» (2 nov. 1916), p. 1.

³¹ SOUZA CARDOSO, Amadeo de (1916) — [Carta] 1916 nov. [a] Walter Pach, na posse da viúva de Paulo Ferreira.

³² FRANÇA, 2011: 145.

e disse: «[...] É o senhor o autor daquelas obras ‘loucas’ que estão expostas em Passos Manuel? [...]»³³.

Amadeo respondeu afirmativamente, mas quando ia a argumentar, logo de imediato, é agredido com um soco que o pôs a sangrar pelo nariz, tendo a necessidade de ser socorrido.

Na agressão, física e verbal, foi socorrido pelo irmão António, que o acompanhou ao Hospital de Santo António, onde foi atendido pelo Dr. Júlio Teixeira, médico que estava de «serviço de banco» nesse dia.

O médico Óscar Moreno³⁴ (1878-1971), grande amigo de Amadeo dos tempos de Paris, tendo conhecimento do incidente pouco tempo depois, lamentou o sucedido³⁵.

Mais tarde, o poeta Teixeira de Pascoaes — Joaquim Teixeira de Vasconcelos (1877-1952) — ao ser informado da agressão a Amadeo, escreveu-lhe uma carta: «[...] Meu querido Amadeu Cardoso: Soube agora da estúpida agressão de que foi vítima [...]»³⁶.

Em 14 de novembro de 1916, numa carta na posse da Família e até hoje desconhecida, dirigida ao tio Chico, Amadeo começou por lhe agradecer os favores e «as recomendações», que permitiram o êxito da exposição. Nessa mesma carta, informa o tio que o «eminente escultor» António Teixeira Lopes [1866-1942] (Fig. 6) visitou a exposição demoradamente.

Assim, na antevéspera do encerramento da exposição, a meio da tarde do dia 10 de novembro, apareceu o «académico» Teixeira Lopes, professor na Escola de Belas-Artes do Porto, para uma visita à exposição. Ao entrar no *hall*, foi interpellado por Amadeo, que lhe pediu desculpa de o não acompanhar na visita visto estar muita gente e não ser agradável comentar



Fig. 6. António Teixeira Lopes (1866-1942).
Fonte: «A Ilustração Popular», n.º 8 (20 dez. 1908)

³³ Informação de António Eugénio de Souza Cardoso, irmão de Amadeo.

³⁴ Óscar Moreno encontrava-se, nesse ano de 1916, como «adjunto em Urologia, no Corpo Clínico do Hospital Geral da Santa Casa, a dirigir a Consulta Externa de Vias Urinárias sob orientação do Professor Roberto Frias». (Informação de António Amadeu de Souza Cardoso).

³⁵ Informação do sobrinho António Amadeu de Souza Cardoso.

³⁶ FCG, BA — *Espólio Amadeo de Souza Cardoso*.

os seus quadros perante a multidão de curiosos. O escultor imediatamente compreendeu tal atitude.

Teixeira Lopes demorou-se muito na visita e, no final, foi ao encontro do pintor, dizendo-lhe que tinha vindo ao enterro do empresário Afonso dos Reis Taveira, diretor dos Teatros de Sá da Bandeira no Porto e do Trindade em Lisboa, e que tinha de sair para outro compromisso.

Este encontro tem grande importância para a historiografia da Arte Portuguesa, porque António Teixeira Lopes representava a «velha Academia» a visitar a «arte dos novos».

Na mesma carta, Amadeo refere ao tio Chico que o seu amigo escultor Teixeira Lopes não fez nenhuma referência ou crítica à exposição, porque pressentiu a distância enorme que os separava dentro do campo artístico, dizendo nomeadamente: «a minha afirmação era inteira, vertical, de uma só peça», razão por que Teixeira Lopes preferiu a abstenção por ser mais cómoda em todos os sentidos.

Amadeo faz uma reflexão da sua posição na Arte, em Portugal, mostrando que sabia claramente que estava num percurso artístico nunca visto em Portugal, que poucos entendiam, mas ele próprio considerava que estava no caminho certo. Prova disto é quando afirma, em carta a Walter Pach: «[...] Os que queriam criticá-la, não sabiam como [...]»³⁷.

Através do artigo *O Futurismo e a exposição de Amadeu de Sousa Cardoso no Porto* publicado no jornal portuense «A Luta»³⁸, da autoria de «Arade», sabemos que numa das extremidades da sala da exposição de pintura de Amadeo estava uma escultura denominada *A História*³⁹: «lá fui ao magnífico Salão de Festas do jardim Passos Manuel em cujas paredes se alinhavam as obras do expositor. [...] Numa das extremidades, o lindo busto de mulher, que ornamentava a sala. [...]» (Fig. 7).

No decorrer dos 12 dias de funcionamento da exposição não há conhecimento da forma, da disposição e da distribuição como Souza Cardoso expõe os quadros no Salão de Festas. No entanto existe uma fotografia de uma exposição de pintura (Fig. 8) realizada, pouco tempo depois, no mesmo espaço. Observando a fotobiografia apercebemo-nos de que os quadros estão expostos nas paredes laterais do salão e ao centro encontram-se duas filas de cadeiras em posições opostas e contíguas além de uma outra fila de cadeiras no sentido do *hall*⁴⁰.

³⁷ SOUZA CARDOSO, Amadeo de (1916) — [Carta] 1916 nov. [a] Walter Pach, na posse da viúva de Paulo Ferreira.

³⁸ ARADE, 1916: 2.

³⁹ Da autoria do escultor António Teixeira Lopes, em bronze, e que se encontra na atualidade numa das fachadas da capela-jazigo de Oliveira Martins, no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa. É a mesma obra que estava na sala onde Amadeo expôs no Jardim Passos Manuel, numa versão em gesso (*vd.* Fig. 7). É uma alegoria à História. A obra esteve patente na Exposição Universal de Paris, de 1900, onde Teixeira Lopes participou com 12 trabalhos (cf. <<http://www.cm-lisboa.pt/visitar/lazer-entretenimento/visitas-guiadas/visitas-ao-cemiterio-dos-prazeres/oliveira-martins-14-jazigo-8245>>).

⁴⁰ DAMÁSIO, 2016.

Seria este o aspeto que teria a Exposição de pintura de Amadeo? Fica aqui a dúvida!

A exposição estava planeada para encerrar no domingo, dia 12 de novembro, atendendo a que aumentava cada vez mais a afluência de pessoas, como prova uma carta, hoje na posse da Família Ferreira Cardoso, de 18 de novembro de 1916 que Amadeo escreveu ao tio Chico: «[...] fechei a minha exposição nesse mesmo dia continuava a afluir gente as primeiras ainda entraram, depois mandei fechar as portas porque a afluência crescia [...]».

Para a exposição em Lisboa, com os mesmos quadros, menos um, que expôs no Porto, Amadeo estava interessado em dois aspetos essenciais: o primeiro era escolher o local e o segundo era fazer a maior divulgação possível da exposição na imprensa.

Inicialmente, Amadeo pensou na Galeria das Artes de José Pacheco (1885-1934), localizada no velho Salão Bobone, em Lisboa, porque em novembro de 1916, escreveu ao amigo Pacheco sugerindo-lhe a hipótese de expor os quadros na referida Galeria, colocando algumas condições do espaço que ocupará, como diz na carta: «[...] Quer o José Pacheco abrir na Galeria uma exposição minha? Em caso afirmativo seria para já e trataríamos imediatamente do assunto. Precisaria de toda a Galeria... Parece-me que teria sucesso esta exposição em que trabalharíamos reciprocamente. Tenho grande urgência [...]»⁴¹.

Não sabemos a resposta de Pacheco. Mas, por influência dos amigos, em especial Adriano de Magalhães e Menezes de Lencastre⁴² e alguns jovens integralistas, como António Sardinha (1887-1925), João Mendes da Costa Amaral (1893-1981),



Fig. 7. Escultura colocada numa das extremidades da sala da exposição de Amadeo.

Fonte: PT-CPF-ALV-021101_m0001. Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia

⁴¹ SOUZA CARDOSO, Amadeo de (1916) — [Carta] 1916 nov. 11, Porto [a] José Pacheco. Acessível no Arquivo de José Pacheco.

⁴² DAMÁSIO, 2016.



Fig. 8. Exposição de pintura no Salão de Festas.

Fonte: Fundo de Fotografia Alvão, Salão de Festas Jardim Passos Manuel, Porto. PT/CPF/ALV/029446. Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia

Alfredo Guimarães (1882-1958), entre outros⁴³, Souza Cardoso ficou «convencido» que seria melhor expor na Liga Naval sediada no Palácio dos Souzas de Calhariz, em Lisboa.

A partir deste momento manifestou um especial interesse por este local e a primeira coisa que fez foi escrever ao seu «Salvador» tio Chico, declarando que «[...] Os meus desejos seria fazer esta exposição na Liga Naval [...]»⁴⁴. Na mesma fonte epistolar desconhecida Amadeo volta a insistir a vontade que a sua exposição seja na Liga Naval: «[...] Eu porém não descanso sobre este ponto, solicitando para este fim uma recomendação da sua influência, bem como algumas cartas que o tio me possa conceder [...]»⁴⁵.

Amadeo sabia que os sócios da Liga Naval, um clube náutico, eram «chiques», oficiais da Marinha, intelectuais ou pessoas de um estrato social elevado, isto é, de lugares «requintados com cunho aristocrático» muito do agrado de Amadeo.

⁴³ DAMÁSIO, 2016.

⁴⁴ SOUZA CARDOSO, Amadeo de (1916) — [Carta] 1916 nov. 18, Manhufe [a] tio Chico. Na posse da Família Ferreira Cardoso.

⁴⁵ SOUZA CARDOSO, Amadeo de (1916) — [Carta] 1916 nov. 18, Manhufe [a] tio Chico. Na posse da Família Ferreira Cardoso.

Este enquadramento explica que Amadeo olhasse para a Liga Naval como um espaço «elitista», de «caracter selecto» e com «cunho aristocrático», como ele escreverá mais tarde ao tio Chico.

Mais uma vez socorreu-se dos conhecimentos do seu tio, homem de vastos e variados contactos nos diversos meios da imprensa, quer no Norte, quer na capital. Esta preocupação verificou-se, desde o início, em todas as cartas do período dirigidas ao tio, solicitando que caso ele não conhecesse as pessoas, ao menos interferisse através de amigos, como afirma: «[...] mas isto depende porque queria ir munido das suas recomendações [...]»⁴⁶.

Em Lisboa, teve os mesmos obstáculos que ocorreram no Porto, porque a imprensa da capital «retraía-se», devido às cautelas que os editores e chefes de redação impunham, ciosos de «defender os fiéis leitores», seguidores dos «velhos costumes» em vigor.

Alguns dos amigos do «Grupo do Orpheu», nomeadamente José Almada Negreiros (1893-1970), José Pacheco, Ruy Coelho (1889-1968), Victor Falcão, além do João Amaral do «Grupo do Tavares», deram o seu apoio. Entre estes Almada deu um contributo à exposição, com a elaboração de um *folheto-Manifesto*.

Concluído, Amadeo comparou as duas exposições de 1916 pelo tipo de visitante de cada uma delas.

No Porto, perante um espaço público, mais burguês, a frequência era sobretudo de carácter «popular», enquanto a de Lisboa, num espaço seletivo, as visitas eram mais elitistas, o que permitiu concluir que as duas se completam.

Amadeo, ao realizar em novembro de 1916 a sua primeira exposição de pintura, promove o Porto como o precursor da pintura moderna em Portugal.

FONTES

Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca de Arte

FCG, BA — *Espólio Amadeo de Souza Cardoso*, ASC 36/07, ASC 13/11.

SOUZA CARDOSO, Amadeo de (1916) — [Carta] 1916 nov. [a] Walter Pach, na posse da viúva de Paulo Ferreira.

____ (1916) — [Carta] 1916 nov. 11, Porto [a] José Pacheco. Acessível no Arquivo de José Pacheco.

____ (1916) — [Carta] 1916 nov. 18, Manhufe [a] tio Chico. Na posse da Família Ferreira Cardoso.

⁴⁶ SOUZA CARDOSO, Amadeo de (1916) — [Carta] 1916 nov. 18, Manhufe [a] tio Chico. Na posse da Família Ferreira Cardoso.

BIBLIOGRAFIA

- ARADE, Maria (1916) — *O Futurismo e a exposição de Amadeu de Sousa Cardoso no Porto*. «A Lucta» (17 nov. 1916), p. 2.
- DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro (2016) — *A Galeria de Amadeo – Vida Pintada. Subsídios biográficos*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento, vol. I.
- FERREIRA, Paulo (1981 [1972]) — *Correspondance de quatre artistes portugais — Almada Negreiros, José Pacheco, Souza-Cardoso, Eduardo Vianna — avec Robert et Sonia Delaunay. Contribution à l'histoire de l'art moderne portugais (années 1915-1917)*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais/Presses Universitaires de France.
- FRANÇA, José-Augusto (1984) — *Arte em Portugal no século XX (1911-1961)*. 2.ª edição. Lisboa: Bertrand.
- ____ (2011) — *Seis pintores: Rafael, Malhoa, Columbano, Amadeo, Almada e Pedro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PAMPLONA, Fernando de (1983) — *Chave da pintura de Amadeu — As ideias estéticas de Sousa-Cardoso através das suas cartas inéditas*. Lisboa: Guimarães Editores.
- PARISOT, Christian (2005) — *Modigliani*. Paris: Gallimard. (Folio Biographie).
- POÇAS, Susana Maria Loureiro Restier Grijó (1998) — *Amedeo Modigliani – O precioso do desenho e as cumplicidades lusas – 1884-1920*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3 vols. Dissertação de mestrado.